



Donas da Casa: uma (des)construção de realidades na arte fotográfica.¹

Arôdo Romão de ARAÚJO FILHO²

João de Souza LIMA NETO³

Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, PB

RESUMO

A partir da análise a respeito da construção de determinados papéis para o homem e a mulher no casamento, e reconhecendo importantes mudanças nos seus posicionamentos na contemporaneidade, o estudo que se segue fundamenta o desenvolvimento de um ensaio fotográfico que propõe a inversão dos papéis de gênero do marido e da esposa. Levando em consideração as novas diretrizes tomadas pela mulher atualmente, será proposta uma outra realidade para esta *nova* mulher, onde alguns de seus desejos poderão ser externados.

PALAVRAS-CHAVE: inversão; casamento; mulher; realidades.

Introdução

O presente estudo visa propor uma inversão dos papéis do homem e da mulher no casamento através de um ensaio fotográfico. Para isto, parte de uma pesquisa não só sobre o matrimônio e a posição da mulher na contemporaneidade, mas também sobre fotografia e artes visuais.

É notório que ao longo do tempo foi instituído uma série de *deveres* distintos para o homem e a mulher dentro do casamento. Para tentar descobrir a origem desses papéis, toma-se como referencial a obra de Frederich Engels, “A Origem da Família, da Propriedade e do Estado”. Neste livro Engels fundamenta-se na pesquisa de Lewis Henry Morgan que estudou como se organizavam algumas sociedades primitivas. No seu estudo, Morgan elenca tipos específicos de famílias, e como se davam os casamentos em cada uma delas.

¹ Trabalho apresentado no IJ 4 – Comunicação Audiovisual do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de junho de 2011.

² Graduando do Curso de Arte e Mídia da UAAMI - UFCG, email: arodoaem@bol.com.br

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Arte e Mídia da UAAMI - UFCG, email: joao.artemidia@gmail.com



A partir do momento em que se institui o casamento, como é conhecido hoje em dia, observa-se então uma série de características que definem qual o papel do marido e da esposa quando escolhem constituir uma família. Uma vez estabelecidos esses papéis – onde a figura masculina está diretamente ligada à função de prover o lar em suas necessidades materiais, e a feminina responsável pelos afazeres domésticos e educação dos filhos – é então firmado um modelo para o casamento que permanece soberano durante séculos.

Essa estrutura só vem ser ameaçada quando as mulheres iniciam suas lutas por direitos sociais e espaço no mercado de trabalho. Observam-se, nesta transição, importantes conquistas por parte da mulher, que refletem, obviamente, na maneira de representá-la. Segundo Loponte: “Na história da arte ocidental, os corpos femininos são um tema recorrente” (LOPONTE, 2002, p.286), a autora discorre a respeito da maneira que a mulher é representada, e pontua momentos importantes dessa representação na história da arte.

Observando o percurso da representação da mulher ao longo da história, notam-se importantes modificações que envolvem também o surgimento de novas mídias e tecnologias, e por conseqüência, novas linguagens, que permitem outras maneiras de representar o feminino envolvendo, inclusive, a auto-representação.

Um importante momento dentro do surgimento de novas linguagens se dá com a invenção da fotografia, e a apropriação desta enquanto manifestação artística capaz de, não só representar o real, mas também de construir realidades.

Explorando este potencial da fotografia, pretende-se, como segunda etapa desta pesquisa, produzir um ensaio fotográfico, onde será criado um universo de possibilidades para uma representação da mulher – fundamentada nas suas novas diretrizes na contemporaneidade – que externará seus desejos, refletindo diretamente na representação masculina dentro desse universo.

A (I)Lógica Matrimonial: Definindo papéis na contemporaneidade

O casamento – ou o que se entende por esta palavra – é quase tão antigo quanto o ser humano. A partir do momento em que o homem passa a viver em sociedade ele



cria uma série “instituições” que passam a determinar não só seu papel social, como também a partir de que preceitos esta sociedade irá funcionar.

Durante muito tempo foi facilmente observável uma divisão entre os papéis do homem e da mulher no casamento. Essa dicotomia obviamente teve uma origem, que pode ser explicada através dos estudos feitos pelo filósofo alemão Frederich Engels em “A Origem da Família, da Propriedade do Estado”, onde o pesquisador teoriza a respeito da transição de uma sociedade matriarcal para uma sociedade patriarcal.

Engels tomou como base os estudos de Lewis Henry Morgan sobre sociedades antigas. Segundo Morgan existiram o que ele chama de *Famílias Primitivas* com diferentes tipos de matrimônio, que deram origem a forma como entendemos o casamento no mundo ocidental.

O primeiro tipo de casamento observado por Morgan foi o matrimônio por grupo, onde os membros da família podiam se casar entre si, Morgan denomina essa família de *Cosanguínea*. Os laços entre os membros dessa família eram muito frágeis, devida grande extensão familiar. Um outro tipo de família é a *Punaluna*, onde a união entre pais, filhos e irmãos é proibida. Nesse tipo específico de família só é possível identificar com certeza quem é a mãe, pois o homem mantinha uma vida sexual ativa não só com a sua esposa, mas também com outras mulheres da tribo. Portanto, observa-se uma sociedade matriarcal, já que a linhagem feminina determina a descendência.

Uma terceira configuração familiar, mais próxima do que observamos atualmente, seria a da *Família Sindiástica* onde as uniões duravam curtos intervalos de tempo, com casamentos aos pares, e fidelidade apenas da mulher. Essa modalidade de matrimônio sofre algumas modificações em detrimento de novas necessidades do ser humano, e surge então a *Família Monogâmica*, que, segundo Engels:

Foi a primeira forma de família que não se baseava em condições naturais, mas econômicas, e concretamente no triunfo da propriedade privada sobre a propriedade comum primitiva, originada espontaneamente.[...] A monogamia não aparece na história, portanto, absolutamente, como uma reconciliação entre o homem e a mulher e, menos ainda, como a forma mais elevada de matrimônio. Pelo contrário, ela surge sob a forma de escravização de um sexo pelo outro, como proclamação de um conflito entre os sexos[...]. (ENGLES, *s/d*, p.18)

A *Família Monogâmica* possui laços mais sólidos que a *sindiástica*, e que só podem ser rompidos pelo homem. É, talvez, este poder centrado nas necessidades do marido que acaba por determinar os papéis do homem e da mulher no matrimônio durante séculos.



A transição entre sociedade matriarcal e patriarcal ocorre devido à necessidade do homem de acumular bens, segundo Frederich Engels (2000). E é nessa transição onde ocorre uma supervalorização da figura masculina, que passa a ser não só a principal autoridade do lar, mas também a peça fundamental do motor que rege a sociedade.

Essa nova maneira de encarar o masculino e o feminino acaba sendo perpetuada por gerações. Como observa Zélia M. M. Biazoli Alves, alguns desses valores específicos são transmitidos ainda na infância, a fim de que os futuros adultos possam cumprir seus papéis designados na sociedade:

[...] Esses valores recebem o rótulo de *tradicionais*, e cada grupo mostra, claramente, o que é esperado de um menino/rapaz e o que vem a ser o desejável para uma menina/moça. Ou seja, a educação não só se fazia diferente quanto propiciava que as distinções ficassem bem marcadas. (ALVES, 2001, p.234)

E essas distinções aplicavam-se aos mais diversos ramos da sociedade. Durante um bom tempo só o homem tinha o privilégio de estudar, trabalhar, seguir carreira política, etc.. A mulher dedicava-se às “prendas” do lar, a maternidade, educação dos filhos e assim por diante.

Entre as décadas de 30 e 50 do século XX observa-se certa abertura para a escolaridade feminina (ALVES, 2001), e posteriormente essa abertura se estende ao mercado de trabalho. A mulher passa a viver uma jornada dupla (casa e emprego), mas ainda assim fica presa ao seu papel social:

[...] com raras (e muitas vezes criticadas) exceções, a mulher prioriza a sua vida doméstica, mesmo tendo conseguido obter um diploma (universitário) e um emprego, deixando tudo de lado quando se casa ou chegam os filhos, o que evidencia o papel principal do homem dentro da família, que é o de provedor de todas as necessidades materiais. Este comportamento "de renúncia" por parte da mulher é valorizado; sendo dever dela "se dedicar aos seus. (ALVES, 2001, p.236)

É neste momento que temos então firmado o retrato do matrimônio em nossa sociedade. Essa configuração só vem a ser ameaçada a partir do momento em que as lutas das mulheres por igualdade social, começam a tomar força. Após conquistarem seu espaço no mercado de trabalho, e firmarem sua posição multifacetada de mãe, esposa e trabalhadora bem sucedida, a mulher começa a reformular seu papel na sociedade.



Uma Mudança de Eixo

A partir do momento em que a mulher foge de qualquer convenção social que diga respeito a seu comportamento ou às funções que ela venha a exercer, ela acaba por reconfigurar toda a sociedade agora em função das suas necessidades.

A respeito dessa nova posição da mulher Josênia A. Vieira, reflete como o homem encara essa mudança, e afirma:

Quando as mulheres começaram a ingressar no mercado de trabalho, as relações entre os dois sexos entraram em processo de mudança. Ela, ao conquistar salários, ingressa também no clube dos capitalistas, que, usualmente, era privilégio masculino. Começa, portanto, a luta pelo poder que excede a questão de gênero. O homem, neste momento, deve lutar para se manter em seu cargo, para não perdê-lo a outros concorrentes homens e, também, agora, às mulheres. (VIEIRA, 2005, p.231)

Obviamente que o homem não ficaria alheio às mudanças referentes ao novo posicionamento da mulher. Dentro do casamento observa-se uma equiparação na função – antes unicamente masculina – de “provedor do lar”. O que acarreta na bifurcação do poder dentro do casamento. A concorrência no mercado de trabalho coloca o homem em uma potencial posição de submissão, uma vez que agora existe a possibilidade de a mulher ocupar cargos de chefia, e, portanto, ganhar salários mais altos que o do marido.

Observa-se ainda que não é só a mulher que está “invadindo” ramos outrora dominados pelos homens, o contrário também acontece. Segundo a jornalista Martha Goes para a revista *TPM*:

[...] o cotidiano deles ficou mais parecido com o delas. Foram, digamos, persuadidos a dividir encargos: fica mais difícil escapular de louças sujas, de geladeiras vazias, de rodízios quando se casa com mulheres que não acham natural cuidar da família sozinhas. E que, além do mais, dividem a conta. A surpresa é que muitos homens gostaram de participar da infância dos filhos. Compreenderam que se trata de um privilégio. (GOES, 2010)

Vê-se nascer então, um *novo homem*, que não ocupa mais sozinho os principais cargos de empresas, nem possui o monopólio do direito a estudos, carreira política, etc. E a partir do momento que se torna possível observar alguns desses homens agregando ao seu cotidiano funções ditas “tipicamente femininas”, observa-se o nascimento, talvez, de um novo tipo de família.



Nessa “nova família”, a posição do homem é reconfigurada de acordo com as (novas) necessidades das mulheres. Uma completa inversão de valores, quando se faz um pequeno retrocesso na história. Um *novo homem*, em função de uma *nova mulher*.

Uma Imagem do Feminino

A mulher teve sua imagem bastante explorada ao longo do tempo nas mais diversas manifestações artísticas. Desde a pintura clássica até a fotografia contemporânea, várias “mulheres” foram representadas, ao ponto de ser possível que sua história na sociedade seja visualizada através de suas representações ao longo dos séculos.

Para o estudo que se segue foram escolhidos cinco importantes momentos na história das artes visuais para ilustrar a representação da mulher ao longo do tempo. Esta escolha foi feita levando em consideração modificações relevantes na representação do feminino nas manifestações artísticas, bem como o surgimento de novas técnicas e/ou tecnologias que também contribuíssem para tal.

A linha temporal analisada começa com o Renascimento, por ter sido um período de redescoberta do homem e das suas relações com mundo; passa pelo Romantismo e pelo fim do século XIX, onde é possível observar duas importantes mudanças na representação da mulher na pintura; e dá um salto para o surgimento das *pin ups* e da fotografia como arte contemporânea, mais dois grandes momentos, o primeiro para a representação da mulher, e o segundo de grande contribuição para a arte.

O Renascimento aconteceu ente os séculos XIII e XVI. Neste, é possível observar constantemente a representação do nu feminino, quase sempre associado a uma figura frágil, passiva. Segundo Luciana G. Loponte:

Nas artes visuais, em especial na história da arte ocidental (principalmente a partir do Renascimento), proliferam representações do corpo nu feminino, que manifestam através de olhares para um fictício espectador a submissão ao próprio artista e ao proprietário da obra. (LOPONTE, 2002, p.286)

Loponte continua a discussão, afirmando que embora a mulher e o nu feminino sejam o tema central das pinturas, não significava que a mulher e sua sexualidade



fossem de grande importância para a sociedade da época. Segundo a autora, “[...] é a sexualidade masculina que está em jogo [...]”. (LOPONTE, 2002, p.287), eram pintores – homens – representando o nu feminino, para venderem à possíveis consumidores – homens – o que acabava por, de certa forma, tratar a mulher como um objeto de compra e venda.

Com o Romantismo, já no século XVIII, observa-se uma mudança na representação do feminino. Com temáticas inspiradas na literatura, onde frequentemente os autores idealizavam amores impossíveis com mulheres de belezas igualmente idealizadas, as representações do feminino continuavam frágeis e delicadas, mas sob uma perspectiva mais romântica. Mesmo quando era representado o nu, este priorizava a delicadeza e a feminilidade da mulher.

O terceiro momento acontece no final do século XIX. Segundo Loponte, a representação da mulher nas artes plásticas sofre relevante modificação quando: “[...] a forma de representação de nus femininos entra em crise, e vários artistas buscam outras formas de pintá-lo, [...] buscando representar a 'mulher tal como ela é.[...]” (LOPONTE, 2002, p.293). Como expoentes desse período a autora destaca os pintores Renoir, Degas e Toulouse Lautrec que representam mulheres em afazeres do dia-a-dia, como tomar banho e pentear os cabelos.

Neste mesmo período a própria mulher também está buscando uma nova representação para si. A artista Susanne Valadon é uma dessas mulheres, que:

[...] dá um tratamento diferente ao nu feminino, representando figuras em relação a outras figuras (mulheres com a mãe ou avó, por exemplo), nem sempre convencionalmente atrativas, e sem associar a nudez feminina com disponibilidade sexual ou prazer masculino, rompendo com os padrões dominantes.[...] (LOPONTE, 2002, p.293)

Entre o final do século XIX e início do século XX observam-se ilustrações de mulheres, também em afazeres cotidianos, mas agora em poses sensuais. As *pin ups* trazem uma nova maneira de representar a mulher totalmente focada na sua sensualidade. Segundo o jornalista Fabio Rica para o site da rádio *Jovem Pan*:

As primeiras artes de mulheres famosas desenhadas em poses insinuantes surgiram em 1890 e já causavam grande choque na época, mas o termo Pin Up surgiria apenas em 1941, na Inglaterra, com a Segunda Guerra Mundial. (RICA, 2010)

É exatamente na Segunda Guerra Mundial que as *pin ups* ganham notoriedade no mundo. As modelos apareciam quase sempre executando serviços domésticos, com



bastante sensualidade. E como tinham a função de entreter os soldados que estavam na guerra, fazendo-os lembrarem das suas esposas que ficaram em casa, os ilustradores de *pin ups* acabaram por desenhar um perfil de representação da mulher para aquela época, pautados no desejo masculino de ter uma mulher que cumprisse seus deveres de dona de casa e de esposa.

O quinto e último momento – da fotografia contemporânea – está muito mais ligado à tecnologia, que à representação da mulher nesse meio. A fotografia ultimamente vem se tornando um importante instrumento de expressão e, por este mesmo motivo, de comunicação. Há um forte movimento nas artes que leva em consideração todo esse potencial da fotografia, e a compreendem como arte contemporânea. Segundo CORTEZ:

Na fotografia moderna, também, há o rompimento do código fotográfico – de sua referencialidade com o real -, estabelecendo uma forte ambigüidade entre figuração e abstração [...] São realidades construídas pelo olhar especializado do fotógrafo moderno, que recorta, de maneira precisa, fragmentos de um real transformado em algo simbólico, realidades essas constituídas de uma linguagem, conjuntamente a um experimentalismo, que permite ampliar os limites da fotografia para além da realidade visível. (CORTEZ, 2007, p.17)

É utilizando todo esse potencial da fotografia que muitos fotógrafos, nas mais diversas áreas de atuação vem marcando a história, e deixando grandes contribuições para as artes visuais.

Neste novo momento – para a fotografia e para a mulher – observamos não apenas representações do feminino, mas mais uma vez a mulher se auto-representando. Letícia Segurado Cortez (2007) cita nomes como Cindy Sherman, Barbara Kruger, Rochelle Costi e Maristela Ribeiro que representam tanto o feminino, como a si próprias em fotografias e/ou instalações que merecem destaque na arte contemporânea.

A respeito dessas (novas) percepções e representações do feminino CORTEZ afirma:

[...] essas percepções do universo feminino extrapolam o campo do feminismo e transpõem, também, para a visão masculina desse universo (constatando também as diferenças com esse universo feminino), sem deixar, obviamente, de proporcionar um olhar mais apurado das próprias mulheres sobre suas produções e uma preocupação com realidades próximas a seus próprios questionamentos enquanto mulheres. (CORTEZ, 2007, p.40)



Dessa forma, é possível compreender que essa quebra de paradigmas – na sociedade e nas artes – permite novas maneiras de compreender e representar a si mesmo e ao outro. As novas tecnologias e as novas formas de expressão caminham para uma verdadeira democratização nos meios de comunicação, onde mulher e homem encontram-se livres para criar suas próprias representações de si e do mundo, para si e para o mundo.

Construindo Realidades

A fotografia surge a partir de experimentos científicos, onde se buscava “desenhar” com a luz. Desde então, seu processo de evolução foi intenso, e até os dias de hoje, os avanços tecnológicos e conceituais envolvendo o processo fotográfico são de grande importância não só para a arte contemporânea como também para toda a sociedade.

Entender a fotografia como arte contemporânea, parte de reflexões que envolvem não o processo técnico, mas sim o potencial de expressão e comunicação próprios da arte fotográfica. Boris Kossoy (2001) encara o fotógrafo como *filtro cultural*, que utiliza de seus sentimentos e conhecimentos para representar um recorte de realidade a partir da tecnologia em suas mãos. Segundo KOSSOY:

[...] O registro visual documenta [...] a própria atitude do fotógrafo diante da realidade; seu estado de espírito e sua ideologia acabam transparecendo em suas imagens, particularmente naquelas que realiza para si mesmo enquanto forma de expressão pessoal. (KOSSOY, 2001, p. 42)

O autor coloca o fotógrafo em pé de igualdade com todos os artistas ao passo que encara a fotografia como fonte de expressão pessoal que registra, comunica e significa. Boris Kossoy ainda vai além, quando, em seu livro “Realidades e Ficções na Trama Fotográfica”, propõe a existência de duas realidades, e a construção de realidades na fotografia.

Kossoy define dois tipos de realidade que auxiliam a compreensão das fotografias a partir do *assunto* fotografado. “[...] A primeira realidade é a realidade do assunto em si [...] diz respeito, a *história particular do assunto* [...]” (KOSSOY, 2002, p. 36) está externo a representação. E a *segunda realidade* está ligada diretamente a

representação, é a “[...] realidade fotográfica do *documento* [...]” (KOSSOY, 2002, p.37).

A *primeira realidade* nem sempre pode ser captada ao contemplar a fotografia, mas a *segunda realidade* é exatamente o que pode ser observado. É ela e/ou a partir dela que se torna possível construir uma realidade na trama fotográfica.

Se tratando de construção de realidade, esta se dá em dois momentos: na construção da fotografia e na recepção da mesma. O primeiro momento diz respeito ao fotógrafo, ao seu processo de construção da fotografia – cenário, luz, enquadramento, assunto, etc. – e o segundo está diretamente ligado ao receptor, ao seu processo de interpretação daquela imagem criada. (Kossoy, 2002)

Esses dois processos – de criação e interpretação – podem caminhar para um lugar comum. Mas como fotógrafo e receptor provavelmente irão partir de pontos de vista, repertório e realidades distintas, as interpretações fogem do controle de quem criou a imagem, que passa a “pertencer” a quem se apropria dela no momento da interpretação.

Roland Barthes define essa realidade criada pelo fotógrafo como *máscara*. Segundo ele: “[...] a Fotografia só pode significar (visar uma generalidade) adotando uma máscara. [...]” (BARTHES, 2006, p.43). O autor acredita que é só através desta máscara que a fotografia pode provocar, criticar, etc.

Barthes ainda afirma que: “[...] No fundo, a Fotografia é subversiva não quando assusta, perturba ou até estigmatiza, mas quando é pensativa.” (BARTHES, 2006, p.47). O autor defende a função da fotografia para além do registro, do documento. Ele a entende principalmente como fonte de reflexão, visualiza sua capacidade de incitar discussões e representar ideologias.

Compartilhando dessa mesma visão a respeito da fotografia, observa-se uma série de fotógrafos contemporâneos que vêm nessa forma de expressão, um verdadeiro meio de comunicação de ideias. Dentro dos mais diversos ramos da fotografia é possível encontrar profissionais que exploram as possibilidades oferecidas hoje com a tecnologias digitais, por exemplo, para agregar valores a seu trabalho.

No ensaio fotográfico proposto, pretende-se construir realidades a partir de uma direção de arte elaborada, e de um discurso coeso e recorrente nas fotografias, que partem de situações cotidianas de um casamento para inverter os papéis dos casais.

Desconstruindo Realidades

Levando em consideração o retrato de matrimônio já discutido, bem como o *novo* posicionamento da mulher na contemporaneidade, foram compostas fotografias que pretendem confrontar essas duas situações a partir de uma personificação dessa nova mulher, e nas conseqüências desta reconfiguração social feminina.

Utilizando a estética de editoriais de moda e com uma paleta de cores intensas, o ensaio fotográfico parte de situações clichês do casamento – como o homem monopolizando a TV, ou a mulher lavando a louça – para tratar de uma inversão de maneira mais direta.



Foto do Ensaio *Donas da Casa*.

Na fotografia acima, a mulher, ainda deitada, parece indiferente ao seu marido que arruma a cama do casal. Nesta imagem, assim como em todas as outras do ensaio, há um elemento que denuncia a irrealidade deste universo. Neste caso, um quadro branco em uma parede colorida, que parece estar se desconstruindo.

A proposta do ensaio é, fundamentado na pesquisa, tratar da desconstrução de papéis de gênero, utilizando o potencial da fotografia enquanto manifestação artística, e de construir realidades.



Considerações Finais

Um dos intuitos desta pesquisa foi mostrar o casamento como uma instituição que manteve sua estrutura inalterada durante séculos. Como já foi afirmado, esta estrutura, foi galgada tendo como fundamento as necessidades do homem. Hoje, após gradativas conquistas femininas, é possível observar uma nova configuração – ou muitas novas configurações – para esta instituição, considerada falida por alguns.

A mulher moderna conquistou seu espaço na sociedade, e esta, por sua vez, acabou por se reconfigurar em função desse novo posicionamento que as mulheres se encontram. No casamento, não diferente, as funções atribuídas à “*dona-de-casa*” ganha novos atributos, e perdem o monopólio feminino. Toda essa reconfiguração, que vem acontecendo ao longo da história, pôde ser observada também, nas modificações que houveram nas representações da mulher nas artes visuais.

Outro ponto chave deste trabalho foi mostrar a fotografia como um meio de comunicação, que pode, entre tantas outras coisas, transmitir ideologias e provocar reflexões. A fotografia, enquanto meio de representação, mostra-se versátil, adaptando-se, ou sendo adaptada, às constantes inquietações do ser humano. Explorar suas possibilidades de manifestação artística é, também, transcender seu papel de registro.

Por fim, ao propor a construção de um produto artístico de comunicação, esta pesquisa visa não só se inserir nos novos parâmetros da comunicação moderna, mas também enfatizar a utilização da fotografia como manifestação artística.

Referências

ALVES, Zélia Maria Mendes Biasoli. Continuidades e Rupturas no Papel da Mulher Brasileira no Século XX. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. São Paulo vol 16 n. 3, pp. 233-239. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v16_n3/4810.pdf> . Acesso em: 04 mar. 2011.

BARTHES, Roland. **A Camara Clara**. Lisboa: Edições 70, 2006.

CEZROTTO, Oscar; GALLO, Denise; GOÉS, Marta; LEMOS, Nina, A mulher é o novo homem: O mundo está mais feminino ou é a mulher que está mais masculina:. TPM, São Paulo, n.104, nov. 2010. Disponível em: <<http://revistatpm.uol.com.br/revista/104/reportagens/a-mulher-e-o-novo-homem.html>>. Acesso em: 01 mar. 2011.



CORTEZ, Leticia Segurado. **Imagens de Mulher: A fotografia na arte contemporânea brasileira.** 2007. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais)- Faculdade em Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, GO, 2007. Disponível em: <<http://tinyurl.com/46mzyk5>>. Acesso em: 05 mar. 2011.

CREPALDI, Iara. O nirvana de La Chapelle. **Folha de São Paulo**, São Paulo, jun. 2010. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/745807-o-nirvana-de-lachapelle.shtml>>. Acesso em: 10 mar. 2011.

ENGELS, Friedrich. A origem da família, da propriedade privada e do Estado. Tradução de Leandro Konder. In: MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. Obras escolhidas, Volume 3. São Paulo: Alfa-Omega, s/d, p. 7-143. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/nathist/marcos/hdh_engels_origem_propriedade_privada_estado.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2011.

KOSSOY, Boris. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica.** Cotia: Ateliê Editorial, 2002.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Sexualidade, artes visuais e poder: pedagogias visuais do feminino. **Revista Estudos Feministas.** Rio Grande do Sul. Ano 10, pp. 283-300. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n2/14958.pdf>>. Acesso em: 04 mar. 2011.

RICA, Fábio. Pin Up! Divas de papel. **Jovem Pan online**, São Paulo, fev. 2011. Disponível em: <<http://blogs.jovempan.uol.com.br/velozesecuriosos/colunistas/fabioricca/pin-up-divas-de-papel/>>. Acesso em: 07 mar. 2011.

VIEIRA, Josenia Antunes. A Identidade da Mulher na Modernidade. **D.E.L.T.A.** . Brasília. n. 21, pp. 207-238. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/delta/v21nspe/29258.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2011.